

DAS DIFICULDADES DO PEDAGOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS HOMENS COMO PROFESSORES

Eliane Cabral Sousa ¹
Felipe Paixão da Rocha ²
Raimundo Nonato Lisboa Cruz ³

RESUMO

Neste artigo buscou-se compreender a recusa da presença masculina na educação infantil, de maneira em que a sociedade exige uma maior sensibilidade destes profissionais, porém reprime sua presença em funções que podem despertar esta característica. Procuramos também entender de que maneira os homens são percebidos dentro de ambientes escolares na educação infantil, e de que forma estes são afastados da profissão, enfatizando quais estratégias os mesmos criam para exercer sua função minimizando problemas. Analisamos as características antropológicas que contaminam a atuação escolar e a formação do profissional, para isso, foi feita uma análise histórica, entendendo de que maneira esta realidade foi semeada ao longo do tempo. Exploramos ainda os conceitos a respeito da educação infantil, analisando os papéis de gênero na educação, compreendendo assim as relações de recusa de homens no ensino infantil e as diversas estratégias destes em furar o bloqueio em sua área profissional. Embasados em um levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e uma análise qualitativa, notou-se demasiado preconceito e um desconforto com a presença masculina na Educação Infantil, tornando esta, uma das diversas dificuldades encontradas pelo homem em sua atuação como docente. Entendeu-se que a esmagadora maioria dos homens permanecem por no máximo 3 anos em atividade com crianças menores, muito pelo fato da Educação Infantil não ser a primeira opção do profissional, mas também pelas dificuldades encontradas pelo pedagogo homem, onde 1/3 admitiu ter sofrido alguma forma de preconceito por parte das instituições de ensino. Sendo assim, este trabalho busca analisar esses impactos negativos encontrados por esses profissionais ao adentrarem no mercado de trabalho, visto que a grande maioria relata uma boa ou excelente receptividade por parte das crianças, pais e responsáveis.

Palavras-chave: Artigo completo, Normas científicas, Congresso, Realize, Boa sorte.

1 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, elianesousag@gmail.com;

2 Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, 22felipepaixao@gmail.com;

3 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, raimundocruz2@hotmail.com;

ABSTRACT

This article sought to understand the refusal of the male presence in early childhood education, of way in which society demands greater sensitivity from these professionals, but represses their presence in functions that can awaken this characteristic. We also try to understand how men are perceived within school environments in early childhood education, and how they are removed from the profession, emphasizing which strategies they create to perform its function minimizing problems. We analyzed the anthropological characteristics that contaminate school performance and professional training, for this, an analysis was made history, understanding how this reality was sown over time. We also explored the concepts regarding early childhood education, analyzing gender roles in education, thus understanding the relationships of refusal of men in early childhood education and the several of these strategies in breaking the blockade in their professional area. Based on the method qualitative, where the concern for the process becomes more relevant than the result itself, was a bibliographical research was carried out based on material already elaborated, consisting mainly of scientific articles, related to field work. Where it was understood that the overwhelming majority of men remain for a maximum of 3 years in activity with younger children, mainly due to the fact that Early Childhood Education is not the first option of the professional, but also because of the difficulties encountered by male educators, where 1/3 admitted to having suffered some form of prejudice from educational institutions. Being thus, this work seeks to analyze these negative impacts found by these professionals when entering the job market, since the vast majority report a good or excellent receptivity on the part of children, parents and guardians.

KEYWORDS: Pedagogue in teaching, Early childhood education, Prejudice.

INTRODUÇÃO

Ao falarmos de educação infantil, além da ideia de ensinar e auxiliar as crianças para que desenvolvam suas capacidades cognitivas, a palavra “cuidar” acaba por se fazer presente nesse contexto. Talvez por se tratar de uma área da educação que envolva crianças que ainda requerem certo tipo de atenção específica por conta de sua pouca idade. Mas caberia a quem esse papel?

A proposta desta pesquisa é compreender a exclusão de professores do sexo masculino na educação escolar infantil. Trata-se de uma abordagem sociológica e que tem por perspectiva uma pesquisa bibliográfica relacionada a um trabalho de campo.

Percebemos que desde o século XIX, o exercício da profissão da docência vem sendo exercida majoritariamente por mulheres. Esta é uma forte tendência, que é presente em diversos países como Brasil, EUA e Alemanha e até mesmo Israel (LIMA, 2008). Em contraponto, no Ensino Superior a posição se inverte, pois, observa-se homens com melhores salários e maior presença do que as mulheres. Fato este que se relaciona diretamente com a divisão sexual do trabalho.

Nota-se que a divisão sexual do trabalho se relaciona diretamente com o trabalho do professor que atua na infância. Em si, essa divisão refere-se a um conceito que vem das primeiras ondas do movimento feminista, que datam do século 19. Possuindo dois significados, o primeiro relata sobre as distribuições desiguais dos homens e mulheres no mercado de trabalho assim como as diferentes profissões assumidas pelos sexos. No segundo sentido, explica-se que as diferentes divisões do trabalho implicam em uma hierarquização da sociedade, que facilita a dominação masculina por sobre o sexo masculino.

Traçando um histórico do Brasil, o próprio início do ensino primário estatal, no início do século XX, fez-se através de uma mão-de-obra exclusivamente feminina. O que ocorria, contudo, era um discurso hegemônico que buscava associar o ensino primário com as características femininas, como o cuidado das crianças, abnegação e delicadeza.

Quando olhamos para a Educação Infantil, tal dicotomia torna-se ainda mais proeminente, percebe-se que quantos mais nos aproximamos dos anos iniciais do aprendizado, reduz-se ainda mais a presença do homem em tais ambientes assim como a remuneração dos mesmos (VIANNA, 2001).

Dessa maneira, a questão da ausência dos homens como educadores da educação básica, vai de confronto direto com os papéis de gênero desempenhados na sociedade, assim como o preconceito que o senso comum possui sobre cada sexo. Exemplo: “todas as mulheres são femininas e carinhosas e os homens são brutos e anti-higiênicos”.

Para que a pesquisa se realize da melhor maneira possível, será utilizado o método qualitativo, onde se mostra mais preocupação pelo processo do que pelo resultado em si, o pesquisador se interessa em como determinado fenômeno se manifesta nas atividades e interações diárias (GODOY, 1995). Do ponto de vista qualitativo, o pesquisador é o instrumento fundamental para que o trabalho ocorra plenamente (GODOY, 1995).

A pesquisa qualitativa que foi realizada foi do tipo bibliográfica, onde, segundo Gil (2002) é desempenhada “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”. Dessa maneira, nós iremos nos valer da análise de cerca de 10 artigos, 3 dissertações e 3 TCCs que abordam o tema. Então, pretendo realizar minha pesquisa atendendo-me a outras pesquisas já realizadas, analisando-as intrinsecamente para obter um diagnóstico daquilo que se está procurando.

Como discentes do curso de pedagogia, inúmeras situações nos chamaram atenção para o tema em questão, pois o sentimento de frustração enfrentado por alguns colegas de turma que por diversas vezes pensaram em desistir do curso, nos despertou um olhar crítico para a questão de gênero no que diz respeito a atuação na educação infantil.

Diante desse contexto, pudemos perceber um certo desconforto por parte de algumas instituições de ensino ao se depararem com a possibilidade de um homem atuar nas turmas de educação infantil, mesmo que essa atuação ocorresse apenas por um período de estágio. Assim com tivemos oportunidade de conhecer pessoas que se dispuseram a recebe-los de forma acolhedora, sem distinção às estagiárias do sexo feminino. Dessa forma, torna-se

relevante a reflexão sobre a razão de haver um número reduzido desses pedagogos atuantes em sala de aula nas instituições de ensino que contemplam a educação infantil.

A referida pesquisa foi desenvolvida não somente como uma forma de concluir o curso de pedagogia, mas que sirva também para que as instituições de ensino, assim como a sociedade em geral passem a ver o pedagogo como uma peça fundamental para o processo de ensino-aprendizagem da criança sem que seja previamente analisado por questões de gênero.

Além disso, esta pesquisa serve para que se possa entender como os papéis de gênero se desenrolam dentre as mais diversas profissões. Um educador infantil, aos olhos da sociedade, parece tão estranho quanto uma pedreira mulher. Deste modo, é necessária a quebra de paradigmas para a compreensão das novas dinâmicas sociais.

Dessa forma, abordaremos a questão sobre preconceito contra a atuação de homens na educação infantil e quais formas e estratégias são debatidas academicamente sobre o assunto. Já que a Universidade prepara professores do sexo masculino para atuarem no campo da educação infantil, entretanto ao lançar-se ao mercado de trabalho deparam-se com inúmeras barreiras construídas ao longo do tempo que dificultam seu ingresso no campo da pedagogia no que diz respeito ao ensino de crianças menores.

Connell, Kimmel e Hearn (2005) expõem que a investigação sobre masculinidades teve início há vinte anos, já havendo um corpo de pesquisas sobre essa temática. Dessa forma, trazem em sua obra referências a pesquisas sobre masculinidades realizadas em diversos países, dentre eles o Brasil.

Além disso, o teórico Cardoso (2007) realizou pesquisas interessantes a respeito de homens que trabalhavam em escolas infantis. Já um trabalho datado de 1998, de Carvalho (1998) buscou falar um pouco sobre como os homens interpretam fazer parte de uma profissão dominada por mulheres.

Contudo, o que mais se nota é a dificuldade de achar pesquisas relacionadas com o tema, desta maneira, e percebendo se tratar de um tema deveras importante, percebe-se que este trabalho precisa ser feito e amplamente divulgado para a comunidade.

Problemas de Pesquisa:

- 1 - A sociedade cobra um comportamento do homem que não seja agressivo, ao mesmo tempo que o impede de exercer funções que lhe exijam o exercício de habilidades que despertem sua sensibilidade.
- 2 – Como os homens são percebidos e recebidos dentro de ambientes escolares na educação infantil?
- 3 – Quais estratégias são criadas para afastá-los da educação infantil?

OBJETIVO GERAL

Compreender as situações que permeiam e inviabilizam a permanência do homem enquanto professor de educação infantil.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conceituar educação infantil;
- Analisar os papéis de gênero na educação;
- Compreender as relações de recusa de homens no ensino infantil e as diversas estratégias destes homens em furar o bloqueio atuando em sua área profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebe-se que o papel do professor de educação infantil é deveras meticuloso, pois além da abordagem do próprio conteúdo, deverá ser cauteloso tanto na recepção deste (pois muitas vezes o E.I é sua primeira etapa de ensino) quanto na transição para o ensino fundamental.

Reconhece-se como papel central na dificuldade aceitação do homem enquanto educador infantil a questão da pedofilia. Além da sociedade em geral relacionar o homem educador diretamente com a homossexualidade, acaba-se por relacionar a homossexualidade com pedofilia e vice-versa.

Perante isto, é comum que a comunidade escolar repudie a presença do professor homem na sala de aula. De acordo com Monteiro (2014) que realizou um trabalho entrevistando homens na educação infantil, diversos relatos de acusações falsas são realizados. Como pode ser visto num relato abaixo:

Quando eu tive um problema com uma avó, que teve ciúme de tudo isso, desse trabalho que eu estava fazendo, que a criança me elogiava muito, essa avó juntou um monte de coisa. Ela quis me destruir, ela falou que eu batia em criança, que eu batia em um menino [...] que tinha na turma. E eu chamei as mães, [...] inclusive a mãe desse menino, eu falei: “Está acontecendo isso, isso e isso. E a avó está dizendo isso”. Eu falei: “Estou muito chateado!”. Essa mãe falou: “Olha, professor, o que você está fazendo com o meu filho não tem dinheiro no mundo que pague. [...] [Ele] era o pior aluno de toda sala. Até na sala ele está centrado, ele está tranquilo, ele está feliz. Ele ama você de paixão, porque você... Isso é visto no bairro”. Porque eu morava aqui perto. Então eu vinha andando aqui para a escola. Então, quando ele me encontrava na rua, vindo para a escola, ele largava a mãe dele e vinha me agarrar no meio da rua: “Oi, professor!” Isso é nítido. Como é que você pode bater em uma criança que te ama, que te abraça? Você é firme com ele, mas bater... Eu falei: “Olha, eu não vou me defender. Eu estou dizendo para vocês o que a mãe está dizendo” (MONTEIRO, p.40, 2014).

Assim como nos casos dos professores entrevistados, na pesquisa realizada por Ramos (2011) foram os momentos destinados aos cuidados corporais aqueles sobre os quais recaiu o

maior olhar de suspeita. Ele relatou a existência desse período comprobatório, adicionado na trajetória dos homens professores ao período legalmente instituído pelo qual passavam todos os servidores públicos do município, que era denominado estágio probatório. Tratava-se não apenas do ingresso dos professores em um novo local de trabalho, mas do ingresso de um homem em um ambiente ocupado quase exclusivamente por mulheres.

O que ocorre ainda é que projeta-se para a imagem do homem enquanto professor a incapacidade do cuidado, atenção, abnegação e amabilidade que se espera de professoras. Isso é devido à própria divisão sexual do trabalho que define profissões e capacidades para cada sexo.

“Ao atuar nas séries iniciais do ensino fundamental, etapa exercida quase exclusivamente por mulheres, Tallys observava as diferenças que marcam as relações de gênero na escola” (RAMOS, 2011, p.34). Segundo ele, os profissionais que atuavam nas séries finais do ensino fundamental – em que a presença masculina é mais comum – recebiam por parte do Estado, um tratamento distinto daquele dirigido às professoras do ensino primário.

Contudo, a sua experiência no magistério primário lhe permitiu reconhecer a importância e o significado do trabalho daquelas professoras, especialmente no processo de alfabetização.

Em pesquisa feita a professores que estiveram a experiência em sala de aula na Educação Infantil notou-se diversos aspectos relevantes que iremos analisar e elencamos, iremos ainda discorrer sobre alguns relatos que obtivemos ao longo de nossa pesquisa, relatos estes, nos quais usaremos nomes fictícios para representar os entrevistados.

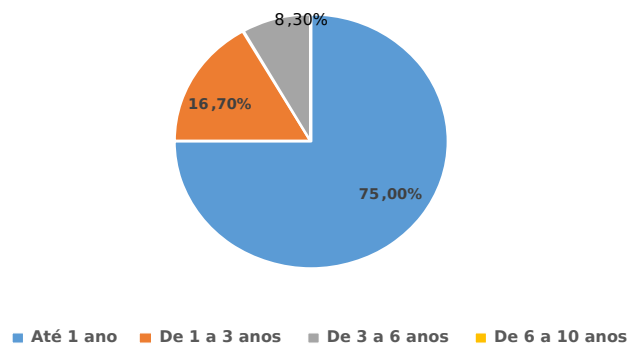
Com uma faixa etária em sua grande maioria de professores entre 21 a 39 anos, será possível analisar homens já com vivências significativas, com experiências relevantes em sua vida que poderá agregar para este trabalho tanto quanto imaginamos.

No demonstrativo em relação ao tempo de experiência na Educação Infantil, os homens em sua esmagadora maioria (75%) dos entrevistados não passaram de 01 ano de experiência, algo que pode indicar uma não adaptação destes profissionais dada as dificuldades encontradas nos olhares e atitudes de desconfiança da comunidade escolar. Além disso, chama atenção o fato de que também 75% dos entrevistados ressaltaram que a Educação Infantil não era sua primeira opção de atuação, algo que está intrinsecamente ligado

à uma atividade majoritariamente feminina, historicamente falando, como destaca Rosemberg (1999),

A educação infantil – tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola – é uma atividade historicamente vinculada à “produção humana” e considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. Isto é, diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram, as atividades do jardim-da-infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período. (ROSEMBERG, 1999, p. 11).

Tempo de experiência na Educação Infantil

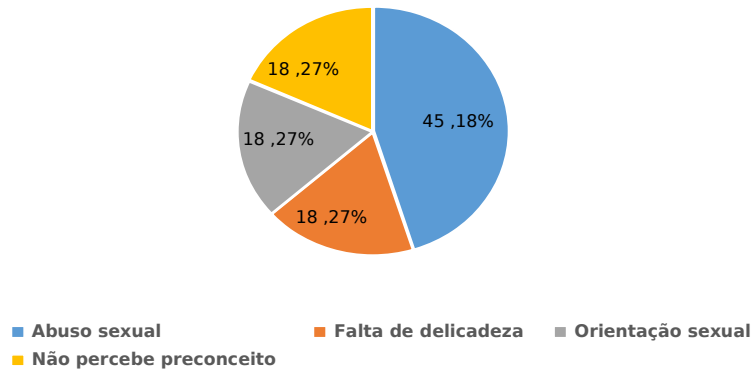


Fonte: Google Forms

Com isso notamos que a resistência a presença masculina na Educação Infantil é muito mais que fatos isolados, mas também, algo enraizado e culturalmente construído de maneira que a tal presença é vista com olhares de preconceito e um caráter incomum, mesmo com aqueles professores com aqueles professores que demonstraram boa qualificação profissional, como relata o professor Arnaldo, onde ele nos mostrou quais dificuldades ele teve no seu trabalho ou em encontrar trabalho na Educação Infantil: “Não ocorreu no trabalho, e sim para conseguir o trabalho. Discriminação por ser homem, pois no anúncio só era admitido mulheres, mesmo eu tendo as melhores qualificações. (professor Arnaldo)”

Em adendo, na pesquisa elaborada, a metade dos entrevistados (50%) afirmaram dificuldades em se estabelecer no mercado da Educação Infantil, além disso, 1/3 dos entrevistados afirmaram já sofrer algum tipo de preconceito. No gráfico abaixo destacamos, na opinião dos entrevistados, a que estaria atrelado este preconceito:

Os maiores preconceitos percebidos



Fonte: Google Forms

Em relato coletado através de nossa pesquisa de um professor/estagiário pode exemplificar bem de que maneira se dá as dificuldades encontradas por professores na Educação Infantil, entendendo este professor como um potencial abusador, onde recai sobre ele constantes suspeitos acerca das suas atitudes, como cita Campos e outros autores:

As imagens de inocência e pureza ligadas à maternidade não parecem extensivas à paternidade. Quando homens se dedicam ao trabalho educativo com crianças pequenas passam a ser suspeitos tanto sobre sua identidade masculina, quanto sobre sua moralidade. (CAMPOS et al., 1991, p. 55)

O professor Márcio que na época do acontecido era estagiário de uma conceituada escola de Belém revelou uma experiência relevante que colabora para com nosso estudo:

Uma vez eu tava na sala de aula como estagiário ainda, e um aluno do jardim II queria ir ao banheiro pra lavar a mão, e a professora regente me pediu para levar o garoto, isso era próximo ao final da aula. Acompanhei o aluno ao banheiro, e na saída a mãe do aluno estava à nossa espera. Não consigo explicar o semblante da mãe ao me ver na companhia do filho dela, ela claramente estava incomodada e isto me fez ficar bastante constrangido. Foi um olhar de suspeita como se fosse um criminoso, nunca tinha me acontecido algo parecido, e me fez pensar várias vezes em não retornar mais a Educação Infantil. (professor Márcio)

Relatos como esse nos fazem entender de que maneira o preconceito referente a presença masculina na Educação Infantil age, podendo ser de maneira explícita, mas muitas vezes de forma silenciosa, onde um simples gesto ou atitude em determinados momentos delicados podem fazer toda a diferença na carreira de qualquer Professor.

Outra situação relatada por determinado professor que chamaremos pelo nome de Fernando, nos reforça a ideia do quão delicado é a presença de homens no sentido de auxiliar as crianças em momentos de higiene, como tomar banho, por exemplo.

Situação mais difícil e complicada era na hora do banho das crianças, por não me sentir à vontade e porque tinha medo do que poderiam os pais pensar, por isso evitava o máximo participar desse momento, mesmo sendo solicitado pelos professores algumas vezes. (professor Fernando).

As crianças por outro lado receberam o professor de maneira positiva segundo os mesmos professores, onde todos eles classificavam a receptividade dos alunos como Boa (82%) ou Excelente (18%).

A escola sendo como parte de uma sociedade, assim como qualquer outra instituição acaba por reproduzir preceitos construídos ao longo de toda história, como o fato de homens não serem socialmente vistos como protagonistas na educação e cuidado das crianças e quando se deparam com professores capazes, dispostos e tão competentes quanto acabam por haver um grande choque estrutural devido a divisão sexual que a sociedade impõe, como salienta Hirata e Kergoat:

Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599).

Por outro lado, isso não significa que esta realidade não possa ser transformada, mas poderá sim passar por uma mudança, além do mais as mulheres não tinham a posição social que tinham tempos atrás. Ainda segundo Hirata e Kergoat:

Se os dois princípios (de separação e hierárquico) encontram-se em todas as sociedades conhecidas e são legitimados pela ideologia naturalista, isto não significa, no entanto, que a divisão sexual do trabalho seja um dado imutável. Ao contrário, ela tem inclusive uma incrível plasticidade: suas modalidades² concretas variam grandemente no tempo e no espaço, como demonstraram fartamente antropólogos e historiadores(as). O que é estável não são as situações (que evoluem sempre), e sim a distância entre os grupos de sexo. Portanto, esta análise deve tratar dessa distância, assim como das “condições”, pois, se é inegável que a condição

feminina melhorou, pelo menos na sociedade francesa, a distância continua insuperável. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599-600).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudanças no que conhecemos como Educação Infantil sempre ocorreu e sempre irá ocorrer, o que antes não era notado ou até nem existia, como a presença masculina nos anos iniciais, hoje já é discutido de maneira que possa refletir em nossa sociedade de forma positiva. A respeito destas mudanças Hirata e Kergoat ressaltam:

Se os dois princípios (de separação e hierárquico) encontram-se em todas as sociedades conhecidas e são legitimados pela ideologia naturalista, isto não significa, no entanto, que a divisão sexual do trabalho seja um dado imutável. Ao contrário, ela tem inclusive uma incrível plasticidade: suas modalidades concretas variam grandemente no tempo e no espaço, como demonstraram fartamente antropólogos e historiadores(as). (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599-600).

Determinados padrões em nossa sociedade nunca se perpetuam, mulheres não têm a posição social que tinham tempos atrás, e das metamorfoses existentes na história, a forma como enxergamos a Educação Infantil também mudará. Identificamos ainda mulheres adentrando no mercado de trabalho que em sua maioria era composto por homens, e vice-versa.

Culturalmente, homens nunca foram vistos com bons olhos na Educação Infantil, devido a supostos escândalos sexuais, e situações onde poderiam deixar crianças vulneráveis na presença de homens, estes vistos como potencial perigo às crianças. No entanto, notou-se em nossa pesquisa a importância masculina na educação de nossos pequenos, onde alguns aspectos positivos foram percebidos.

O papel visto hoje em relação ao homem, sendo o de “produzir”, percebe-se uma variação deste, onde também cabe o “cuidar” e/ou “auxiliar”, o que é notado como algo exclusivamente feminino.

Sabemos da importância de um pai na criação de um filho, ao tempo que a sociedade valida esta tese, desaprova e lhe causa estranheza a ideia de que um homem possa estar presente na Educação Infantil. Reservadas as justas diferenças de função de um pai, professor, escola e família, não podemos ignorar o notável paradoxo encontrado. Neste trabalho analisamos alguns fatores que justificam isto, porém cabe alguns novos estudos que irão

revelar mais profundamente de que maneira isso se dá e até onde a presença masculina é vista ou não com olhares de suspeita.

A escola pode, como sabemos, ser uma relevante aliada nas transformações demandadas pela sociedade. Preconceitos e padrões maléficos estão sempre sob debate, a sociedade muda e a escola, como qualquer instituição, precisa estar pronta para estas modificações.

Através de novos estudos poderemos encontrar estratégias que possam escapar das resistências percebidas ao longo do nosso trabalho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por me permitir ultrapassar os obstáculos encontrados ao longo da produção deste trabalho.

Aos meus amigos e familiares, pelo amor, incentivo e força, que muito contribuiu para que eu permanecesse firme durante toda a jornada acadêmica, pois foram muitos os momentos em que as forças pareciam se esgotar diante das dificuldades em torno da realização do trabalho.

Ao Prof.º Paulo Henrique Façanha de Miranda eu agradeço a orientação, o apoio e a confiança durante todo o processo de construção desse trabalho.

À Universidade Federal do Pará, essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação e por tudo o que aprendi ao longo do curso.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para que eu chegasse até aqui.

Muito obrigada.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Frederico Assis. **Homens fora de lugar?** A identidade de professores homens na docência com crianças. In: ANPED: 30 anos de pesquisa e compromisso social, 2007, Caxambu. Anais. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação/ANPED, 2007.
- CAMPOS, Maria M.; GROSBaum, Marta; PAHIM, Regina; ROSEMBERG, Fúlvia. **Profissionais de creche.** Cadernos do Cedes, n. 9, p. 39-66, 1991.
- CARVALHO, Marília Pinto de. **Vozes masculinas numa profissão feminina.** Estudos Feministas, v. 6, n. 2, 1998, p. 406-422
- CONNELL, Robert W.; KIMMEL, Michael S.; HEARN, Jeff. **Handbook of studies on men and masculinities.** California: Sage Publications, 2005. Tradução online.
- GODOY, A. S. **A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas.** Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 4, p.65-71,jul./ago. 1995.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.
- LIMA, Carmen Lucia de Sousa. **Fazeres de gênero e fazeres pedagógicos: como se entrecruzam na Educação Infantil.** 2008. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade Federal do Piauí.
- MONTEIRO, Mariana Kubilius. **TRAJETÓRIAS NA DOCÊNCIA: PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** Dissertação (mestrado). Campinas, SP, 2014.
- RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da Educação Infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG.** Belo Horizonte, 2011. Dissertação de Mestrado. PUC – MG.
- ROSEMBERG, Fúlvia. **Expansão da educação infantil e processos de exclusão.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 107, p. 7-40, jul. 1999.
- VIANNA, Cláudia Pereira. **O sexo e o gênero da docência.** Cadernos Pagu, n. 17/18, 2001/02, p. 81-103